

---

ME FODE

RAPE ME

BAISE-MOI



Autora:  
Virginie Despentes

Traduzido por:  
Maikon Augusto DELGADO<sup>1\*</sup>  
Pesquisador autônomo  
Curitiba, Paraná, Brasil

**Resumo:** O objetivo desta tradução é trazer ao público brasileiro uma pequena, porém representativa, parcela da obra dessa escritora tão conhecida na França por sua literatura subversiva e engajante. Virginie Despentes é um nome pelo qual o leitor contemporâneo da literatura francesa não consegue não passar, tamanha sua importância. Despentes aprecia transitar entre o oral e o escrito, entre o correto e o subversivo. Sua literatura reflete esse embate que ela representa, às vezes dilacerando sobretudo a língua francesa. Esta tradução visa, pois, tentar transportar esse embate, essa combatividade e esse dilaceramento do original para o português, utilizando-se também de oralidade e coloquialidade sem fugir da controvérsia.

**Palavras-chave:** Literatura francesa. Feminismo. Oralidade na literatura. Coloquialidade. Tradução.

**Abstract:** *The purpose of this translation is to bring to the Brazilian public a small but representative portion of the work of this writer so well known in France for her subversive and engaging literature. Virginie Despentes is a name that the contemporary reader of French literature cannot pass on, such it is her importance. Despentes enjoys transitioning between oral and written, between correct and subversive. Her literature reflects this clash that she represents, sometimes tearing the French language. This translation aims, therefore, to try to transport this clash, this combination and this tearing of the original into the Portuguese language, also using orality and colloquiality without escaping the controversy.*

**Keywords:** *French literature. Feminism. Orality in literature. Colloquiality. Translation.*

**Résumé :** *Le but de cette traduction est d'apporter au public brésilien une petite et représentative partie du travail de cette écrivaine si connue en France pour sa littérature subversive et engageante. Virginie Despentes est un nom que le lecteur contemporain de littérature française ne peut manquer de passer; vu son importance. Despentes aime faire la transition entre l'oral et l'écrit, entre le correct et le subversif. Sa littérature reflète ce choc et, pour le faire, elle n'hésite pas à déchirer la langue française. Cette traduction vise donc à tenter de transporter ce choc, cette combativité et ce déchirement de l'original vers le portugais, en utilisant également l'oralité et la familiarité sans échapper à la polémique.*

**Mots-clés:** *Littérature française. Féminisme. Oralité littéraire. Langage familier. Traduction.*

**RECEBIDO EM:** 28 de novembro 2019

**ACEITO EM:** 26 de fevereiro 2020

**PUBLICADO EM:** março 2020

---

**V**irginie Despentes é uma escritora francesa, nascida em Nancy em 1969. Viveu por anos em Lyon e finalmente se estabeleceu em Paris. *Baise-moi* foi seu primeiro livro publicado na França. Devido a seu enorme sucesso, virou um filme dirigido pela própria autora. No Brasil, ela tem publicado *Teoria King Kong*, pela N-1 Edições, e *A vida de Vernon Subutex*, pela Companhia das Letras. Despentes é conhecida por escrever uma literatura *trash* que se preocupa em fazer uma crítica feminista de classe. Suas obras tendem a ir de encontro às convenções sociais dominantes. Virginie é autora de pelo menos 15 livros, dentre eles *Baise-moi*, *King Kong Theory*, *Les Jolies Choses*, *Bye Bye Blondie*, recebeu diversos prêmios e hoje é uma das mais importantes escritoras francesas vivas.

*Baise-moi* tem grande importância na literatura francesa por vir de uma linhagem de livros que remontam a Catherine Millet e seu polemicíssimo *La Vie Sexuelle de Catherine M. Baise-moi* é o *Thelma e Louise* na versão francesa feminista mais casca grossa. É a história de duas mulheres que se rebelam contra o sistema, mas sem o filtro que o filme tem. A versão de Despentes não se isenta de se utilizar de excessiva violência gratuita e cenas de sexos ultraexplícitas. O livro fez tanto sucesso na França que poucos anos depois virou filme, causando ainda mais polêmica por ter no elenco duas atrizes pornôs para os papéis principais. O filme mesmo foi classificado como pornográfico por muitos, sendo interdito para os menores de 16 anos. O caso foi tão grande que o governo francês lançou um decreto em 2001 que lhe permite proibir filmes a menores de 18 anos sem necessariamente taxá-los de pornográficos ou de obras que incitem à violência. A partir de 1998 ela começou a ganhar uma série de prêmios literários de prestígio nacional, tais como Prix de Flore, Prix Anaïs-Nin e Prix de la Bibliothèque Nationale de France 2019.

---

# ME FODE

## PRIMEIRA PARTE

347

*E porque você é morno, e que você não é nem quente nem frio, eu vomitarei pela minha boca.*

Fedor Mikhailovitch D.

*A minha mãe tinha me dito que eu era feita para o amor. Eu só conheço o sexo e nem todos os dias.*

Sale Def.

---

## PRIMEIRO CAPÍTULO

Sentada de índio diante da tela, Nadine aperta o avançar para pular os créditos iniciais no começo do filme. É um velho modelo de videocassete sem controle remoto.

Na tela, uma loirona está amarrada em uma roda, de cabeça para baixo. Close sobre o seu rosto todo vermelho, ela sua como um porco por debaixo da base. Um cara de óculos a masturba energeticamente com o cabo do seu chicote. Ele a chama de cadela no cio, ela dá uns gritos e ri ao mesmo tempo.

Todos os atores desse filme têm jeito de comerciante de bairro. O charme desconcertante de um tipo de cinema alemão.

Uma voz feminina em *off* ruge: “E agora, sua vagabunda, mijá tudo o que você sabe mijar”. A urina sai como fogos de artifícios festivos. A voz em *off* faz com que o homem se divirta, ele avança sobre o jato com avidez. Lança alguns olhares meio ensandecidos à câmera, deleita-se com o mijo e se exhibe com entusiasmo.

348

Cena seguinte, a mesma garota fica de quatro e separa cuidadosamente os dois globos brancos do seu rabo. Um sujeito parecido ao primeiro come ela em silêncio. A loira faz trejeitos imitando uma juvenzinha. Lambe os lábios com gula, franze o nariz e ofega calmamente. A celulite se mexe em bloco no alto das suas coxas. Ela se babou um pouco no queixo e dá para ver as espinhas sob a maquiagem. Uma atitude de juvenzinha num corpo velho e flácido.

Na tentativa de mexer o cu da maneira mais convincente possível, até consegue fazer com que se ignore a sua barriga, suas estrias e sua boca suja. Um fenômeno. Nadine acende um cigarro sem tirar os olhos da tela. Impressionada.

Mudança de cenário, uma garota negra de formas contidas e delineadas por um vestido de couro vermelho entra no hall de um prédio. É bloqueada por um sujeito encapuzado que a algema rapidamente no corrimão da escada. Agarra-a então pelos cabelos e força ela a chupá-lo.

A porta da entrada bate. Nadine resmungua uma coisa do tipo “essa idiota não devia ter voltado para comer”. Ao mesmo tempo, o sujeito do filme diz: “Você vai ver, você vai acabar gostando do meu pau, todas elas acabam gostando dele.”

Séverine berra antes mesmo de tirar o casaco:

— Ainda vendo as tuas putarias.

Nadine responde sem se voltar:

— Você chegou na hora certa, o começo teria te desconcertado, mas essa negona deve agradar até você.

---

— Desliga isso agora, você sabe muito bem que isso me dá nojo.

— Além do mais, as algemas são sempre eficazes, adoro.

— Desliga essa TV. Agora mesmo.

É o mesmo problema que com os insetos que se acostumam ao inseticida: é preciso sempre inovar para exterminá-los.

Na primeira vez que Séverine encontrou uma fita-cassete pornô jogada sobre a mesa da sala, ela ficou tão chocada que ela não protestou. Mas ela ficou tão calejada desde então que é preciso cada vez mais para tirá-la do sério.

Na opinião de Nadine, trata-se de uma verdadeira terapia que ela tem proporcionado a Séverine e da qual esta pode aproveitar. Ela vai liberando o cu gradualmente.

Durante esse tempo, a *black* definitivamente tomou gosto pelo falo do sujeito. Gulosa, abocanha-o e deixa ver bem a sua língua. Ele acaba ejaculando por tudo na boca e ela implora que ele coma o seu cu.

Séverine se coloca ao lado dela. Cheia de escrúpulos, evita olhar para a tela e parte pros gritos irritantes:

— Você é muito doente e vai acabar me deixando doente.

349

Nadine pergunta:

— Você poderia ir para a cozinha, por favor? Eu preferia me masturbar diante da TV, me enche o saco ter que sempre ir sempre pro meu quarto. Mas veja só, se quiser, você pode ficar.

A outra fica imóvel. Tenta entender o que está acontecendo para encontrar uma resposta. Nada fácil para ela.

Satisfeita de vê-la abalada, Nadine desliga o videocassete: “Brincadeirainha”.

Visivelmente aliviada, a outra faz cara feia sem muita convicção e desembesta a falar. Conta algumas besteiras sobre o seu dia de trabalho e vai até o banheiro ver a cara com que está. Dá uma checada no próprio corpo com uma vigilância ferrenha, determinada a condicionar carnes e pelos às normas da estação, custe o que custar. Brada:

— E ninguém ligou para mim?

Ela teima em acreditar que o garoto com quem trepou na semana passada vai se manifestar. Mas esse garoto não tinha jeito de ser estúpido e é pouco provável que ele estivesse fingindo. Séverine faz a mesma pergunta todos os dias. E todos os dias se desfacela em reclamações enfurecidas:

— Nunca pensei que ele fosse assim. A conversa fluiu bem, eu não entendo por que ele não liga. É nojento o jeito como ele me usou.

---

Usou ela. Como se ela tivesse uma buceta tão refinada que um pau fosse lhe fazer bem. No que diz respeito ao sexo, ela profere absurdos do gênero com uma prodigalidade desconcertante, discurso complexo e cheio de contradições não assumidas. Por enquanto, ela repete veementemente “que ela não é uma garota assim”. Para Séverine, a expressão genérica “uma garota assim” resume perfeitamente o que se faz de pior na espécie humana. Sobre isso mais especificamente, ela merecia ser tranquilizada: é uma idiota, pretensiosamente provocadora, sordidamente egoísta e de uma banalidade nauseante até nos mínimos detalhes. Mas ela não é uma garota fácil. Consequentemente, ela quase nunca dá umazinha, coisa de que ela estava precisando muito.

Nadine a observa de revesgueio, resignada a dar uma de confidente. Sugere:

— Escreva um contrato para a próxima vez. Do tipo que o sujeito se compromete a te fazer companhia no dia seguinte ou a te ligar durante a semana. Se ele não assinar, você não abre as pernas.

Séverine precisa ainda de um pouco de tempo para entender se ela deve tomar isso como um afronta, uma sacada espirituosa ou um conselho jurídico. Acaba optando por um risinho delicado. Sutileza afetada de uma terrível vulgaridade. Continua então impiedosamente:

— O que eu não entendo é que ele não é o tipo de cara que quer ficar pegando qualquer uma, porque se fosse eu não teria querido desde a primeira noite. Realmente rolou uma coisa entre nós. Na verdade, acho que deixei ele com medo, pasmem: os meninos sempre têm medo das meninas que têm uma personalidade forte.

Ela aborda o tema da sua “forte personalidade” de bom grado. Assim como evoca com facilidade a sua viva inteligência ou a extensão da sua cultura. Enigma do sistema mental. Só Deus sabe como ela pôs isso na cabeça.

É verdade que ela zela pela sua conversa. Ela a embeleza de bizarrices devidamente legitimadas pelo meio que frequenta. Cria igualmente uma série de referências culturais que escolheu como seus apetrechos: conforme o momento, com certo talento para se parecer com a sua vizinha.

Ela faz a manutenção da sua personalidade como faz a manutenção dos pelos pubianos, já que sabe que é preciso usar todos os artifícios para seduzir um homem. A meta final sendo virar a mulher de alguém e, com o esforço que ela faz, almeja virar a mulher de um cara legal.

Com ajuda da intuição masculina, os homens se mantêm a uma boa distância do bonsai. Ela vai acabar ainda se amarrando a um. É então na cabeça dele que ela vai fazer as suas necessidades quotidianas.

Nadine se alonga, se compadece sinceramente do pobre coitado que vai acabar sendo pego. Ela

---

se levanta e vai buscar uma cerveja. Séverine segue-a até a cozinha sem se interromper. Para de falar do tosco que não liga, amanhã ela vai retomar isso. Ataca com ardor o inventário das últimas fofocas.

Recostada na geladeira, Nadina observa ela mastigar a salada.

Elas foram morar juntas por praticidade. Pouco a pouco, a convivência ficou doentia, mas nenhuma das duas tem condições de morar sozinha. De qualquer forma, Nadine não pode alugar nada no nome dela porque não tem holerite. E Séverine a suporta melhor do que ela aparenta. Fundamentalmente masoquista, ela sente certo prazer em ser tratada com grosseria. Perversa sem cordialidade.

Nadine termina a sua cerveja, vasculha o cinzeiro à procura de uma butuca que possa ser recuperada porque ela está com preguiça de descer até a banquinha. Encontra um baseado apagado que deixaram pela metade. Dá e sobra para chapar as ideias, e essa descoberta deixa ela de bom humor.

Espera pacientemente que Séverine volte ao trabalho, deseja um bom dia com cortesia. Vasculha o quarto dela porque sabe que ela escondeu uísque lá. Enche um copão e se senta na frente da TV.

Acende o bagulho, se esmera em segurar a fumaça o maior tempo possível. Põe o volume do canal no talo e liga o videocassete no mudo.

*I'm tired of always doing as I'm told, your shit is starting to grow really old, I'm sick of dealing with all your crap, you pushed me too hard now watch me snap.*

Ela sente a distância entre ela e o mundo repentinamente pacificada, nada a preocupa e tudo a diverte. Reconhece com alegria os sintomas de uma chapação interminável.

Desliza até o fundo do sofá, tira as calças e brinca com a sua palma sobre o tecido da sua calcinha. Observa a sua mão se mexer entre as suas coxas em círculos regulares, acelera os movimentos e tenciona a pélvis.

Levanta os olhos para a tela, a garota curvada sobre o corrimão da escada balança a cabeça da direita para a esquerda e o seu rabo se remexe para conseguir tragar o sexo do rapaz.

*There's an emotion in me, there's an emotion in me. Emotion n. 13 blows my mind away, it blows me away.*

---

## CAPÍTULO II

— Mas a gente não pode ficar sem fazer nada.

A criança, um menino, protesta com insistência.

Com pena e chocada por Manu se resignar tão facilmente. Ele retoma com um tom de reprovação.

— Era um dos teus melhores amigos, ele morreu assassinado. E você fica aí sem fazer nada.

Até então, ele tinha ficado num discurso prudente e generalizado sobre a violência policial, a injustiça, o racismo e os jovens que deviam reagir e se organizar. É a primeira vez que ele a intima tão diretamente a compartilhar a sua indignação.

Evoca os motins que o acidente deveria suscitar com uma emoção visível. Assim como outros falam de boxe, sexo ou de tourada. Algumas palavras-chave desencadeiam nele uma projeção interna em que ele se vê viril frente às forças de ordem, virando carros ao lado dos digníssimos e resolutos camaradas. E essas imagens o perturbam. Ele é sublime e heroico.

Manu não tem a alma de uma heroína. Ela se acostumou a ter uma vida mansa, a barriga cheia de merda e a calar a boca.

Não tem nada de grandioso nela. Além da sua sede insaciável. De foder, de cerveja, de uísque, não importa do quê, contanto que a alivie. Exagera um pouco até na apatia e na sordidez. Não odeia chafurdar no vômito. Está em relativa osmose com o mundo, encontra razão para beber quase todos os dias e um rapaz para quem dar o cu.

A criança não se dá conta disso, quanto a revolução está longe do seu buraco para interessar. Além do mais, para se exaltar como ele faz, é preciso um sentido de sublimação e de autorrespeito que estão faltando em Manu.

Ela vasculha uma gaveta à procura de um frasco de esmalte. Interrompe-o secamente:

— Por que é que você veio me encher o saco aqui em casa? Mas, caralho, quem você pensa que você é para me dar lição de moral? E como você pode afirmar que ele foi assassinado.

— Todo o mundo sabe, você mesmo estava dizendo que...

— Eu conto o que eu quiser e eu bebo o suficiente para que não deem bola para isso. Além do mais, eu disse que não era a cara dele se enforcar e foi você quem interpretou que foram os policiais que tinham apagado ele. E eu não recomendo confundir as minhas idiotices com as tuas.

Ela encontrou seu frasco de esmalte e o segura tão forte no punho, agitando pertinho do nariz da criança, que se retrai cautelosamente, gagueja alguma coisa dando a entender que está se



---

desculpando, que não estava querendo magoá-la. Por um lado, porque ele não é malvado; por outro, porque ele acredita que ela é capaz de lhe arrebentar a cabeça. Ela não tem a violência dominada e não vai esperar que o momento seja politicamente adequado para liberar as tensões. O menino tem razão de bater em retirada porque ela definitivamente está a ponto de lhe dar uma bordoadá.

Ela sabe tão bem quanto ele que o Camel com certeza não se enforcou sozinho. Era orgulhoso demais para isso. E mesmo que ele não fosse muito talentoso pra viver, encontrava na vida coisas boas suficientes para continuar um pouquinho mais. E, mais que nada, o Camel não teria se suicidado sem levar para a degola uma meia dúzia com ele. Ela o conhecia o suficiente para estar convencida disso. Eles se entendiam bem até, davam uns rolês juntos de bom grado e compartilhavam as mesmas teorias sobre o que fazer para se divertir.

Seu corpo foi descoberto na véspera, enforcado no corredor. As últimas pessoas que o viram vivo são os policiais responsáveis pela sua condicional. Ninguém nunca vai saber o que realmente aconteceu. E o piá tem razão, é difícil até mesmo para ela admitir isso sem fazer nada. Ela sabe que vai dar boa, no entanto.

Ela não gosta das artimanhas que ele faz para associá-la à sua indignação, nem que ele fique tentando se apropriar dessa morte para fazer jus às suas convicções. Ele tem a sensação de que esse cadáver lhe diz respeito, seja por questões políticas ou não. Ele a menospreza abertamente por sua covardia. Manu acha que ele está com uma cara tão comedida que ela se permite sentir menosprezo, ela poderia dar um jeito nisso.

Ela toma a precaução de abrir uma cerveja antes de começar a pintar as unhas. Por experiência própria, sabe que vai ficar com sede antes mesmo que as unhas sequem. Titubeia e então oferece uma ao ranhento para mostrar pra ele que ela não quer o seu mal. Logo ela vai estar tão zoada que essa história vai acabar afetando-a. Termina sempre pensando que no final das contas tem uma parte da população que é sacrificada; para ela, uma pena, porque ela caiu direitinho nessa. Pinta unha e pele porque sua mão está sempre tremendo um pouco. Contanto que isso dê uma colorida nos paus quando ela for bater umas punhetas...

A criança está com um olhar reprovador enquanto vê ela pintar as unhas. O esmalte não faz parte do que ele considera justo. É uma marca de submissão à pressão machista. Mas como Manu não pertence à categoria das oprimidas vítimas de falta de educação, não se espera dela que ela seja eticamente correta. Ele não fica dando muita bola para as suas faltas, ele só tem mesmo pena dela.

Ela assopra ruidosamente a mão esquerda antes de começar a direita. A criança faz ela pensar

---

em uma virgem perdida nos chuveiros de uma penitenciária masculina. O mundo ofende o menino com uma obstinação lasciva. Ele fica assustado com tudo o que o rodeia, e o diabo se utiliza de todos os vícios para desvirtuar a pureza dele.

Toca a campainha. Ela pede para ele abrir a porta enquanto agita as mãos para que sequem mais rápido. Entra Radouan. Ele conhece a criança de vista porque ambos moram no mesmo bairro, mas a sua presença na casa de Manu o desconcerta um pouco porque eles nunca se falam. O povo da esquerda vê os árabes como idiotas reacionários e facilmente levados pela religião. Os magrebinos veem o pessoal da esquerda como uns mendigos mamados de cachaça e homossexuais em massa.

Radouan deduz finalmente que ela atraiu a criança para a casa dela numa de colocá-lo no colo. Isso dela não o surpreende. Ele pergunta se não está atrapalhando ao fazer para Manu sinais libertinos de cumplicidade. Tão discretamente que a criança enrubesce violentamente e se retorce na cadeira. Sexo, um assunto com o qual ainda não se faz piada.

Manu dá um risinho meio falso e bobo antes de responder a Radouan:

354

— Claro que não, você não incomoda. A gente se encontrou na mercearia. Ele subiu para falar comigo do Camel. Você já comeu? Na geladeira tem um resto de macarrão.

Radouan se serve, age como se estivesse na própria casa, porque ele vai lá tanto que é como se fosse a sua. A criança começou a falar de novo, contente de ter um novo interlocutor.

Reproduz o que ele denuncia com uma inquietante tranquilidade de espírito. Neto de missionário, ele está na missão de converter os nativos do bairro ao seu modo de pensar. Só quer o bem deles, adoraria poder esclarecê-los.

A criança não é muito perspicaz, mas no entanto entende rapidamente que Radouan é ainda menos suscetível a seu discurso que Manu. Profundamente abatido, se despede.

Com gentileza, Manu lhe dá tchau. O pior, com os idiotas, é que eles só são completamente antipáticos nos filmes. Na vida real, sempre têm algo que caloroso, de agradável.

E, além do mais, no fundo a criança não está errada. A bem da verdade, somente os policiais são rigorosamente execráveis na vida real.

Ela passa uma segunda camada de esmalte sem esperar que a primeira tenha secado. Porque ela não tem mais nada para fazer. Radouan tira uma barra de erva com orgulho:

— Você tem seda aí para enrolar?

— No cestinho atrás de você. Você tá fumando agora?

— É de boa ou não? É pra você, presente do Rei Radouan.

— Ele é traficante como o irmão mais velho dele, Radouan manezão.

---

— Não se mete... Eu tô na minha com o meu negócio, tá tudo sob controle.

— Não me meto não. É por que isso então que agora você tá aí todo vestido que nem bandido? Dava pra dizer que você tá patrocinado por todas as empresas de peita de luxo do planeta. Tá todo mundo falando do teu negócio no bairro, você é tão burro que você não vai esperar que a polícia te leve pro xadrez para se meter em enrosco, você vai ser enquadrado pelos caras do bairro.

— Não se preocupe, tô te falando, você não sabe de nada. Confia no tata e saboreia a erva do Rei Radouan, é a melhor de todo o país e é um presente pra você.

Com calma, ele cola as suas duas sedas. Como ele não fuma, não está acostumado a enrolar e ele faz isso com cuidado. Umedece o cigarro em toda a sua extensão e dichava, do mesmo jeito que ele viu os mais velhos fazendo. Se extasia porque ele está bem vestido e conseguiu dar um presente para Manu.

Se extasia menos porque ela ouviu umas histórias meio feias a seu respeito. Umam tramoias que ele estava fazendo com umas pessoas que perderam o costume de ser engabeladas. Ela não encontra nada a dizer para pôr alguma sensatez na cabeça dele. Também não tinha encontrado nada pra dizer quando ele começou a traficar. Nenhum projeto legal a oferecer para que ele não saia dos trilhos. Ela repete:

— Se cuida, usa um pouco essa coisa que você tem em cima do pescoço.

E deixa ele mudar de assunto.

### **Sobre o tradutor**

Maikon Augusto Delgado é tradutor e escritor. Possui mestrado em Estudos Literários pela UFPR e em Estudos Lusófonos pela *Université Lyon II*. Sua experiência no mercado ronda os 15 anos, tendo trabalhado em editoras, agências de publicidade e jornais.

### **Outras obras da autora**

*Baise-moi*. Florent Massot, 1994.

*Les chiennes savantes*. Florent Massot, 1996.

*Les jolies choses*. Grasset, 1998.

*Teen Spirit*. Grasset, 2002.

*Trois étoiles* (romance gráfico com Nora Hamdi). Au Diable Vauvert, 2002.

*Bye be blondie*. Grasset, 2004.

*King Kong Théorie*. Grasset, 2006.

---

*Apocalypse Bébé*. Grasset, 2010.

*Vernon Subutex, 1*. Grasset, 2015.

*Vernon Subutex, 2*. Grasset, 2015.

*Vernon Subutex, 3*. Grasset, 2017.

---

<sup>i</sup>\* Maikon Augusto DELGADO – Graduado em Letras (2006) pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Letras (2017) pela mesma instituição. Mestre em Études Lusophones (2017) Université Lumière Lyon 2, França. Pesquisador autônomo. Curitiba, Paraná, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/8694037646553385>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8319-6285>

E-mail: [maikon.delgado@gmail.com](mailto:maikon.delgado@gmail.com)